



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

BRUNO NASCIMENTO SILVA

**AS INFÂNCIAS DO LABOR: “*CHÃO DOS LOBOS*” SOB A PERSPECTIVA DE
CANDOCA, RAIMUNDINHO E ROBERTA.**

**Altamira – PA
2025**

BRUNO NASCIMENTO SILVA

**AS INFÂNCIAS DO LABOR: “*CHÃO DOS LOBOS*” SOB A PERSPECTIVA DE
CANDOCA, RAIMUNDINHO E ROBERTA.**

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do grau de licenciado pleno em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Farias

**Altamira – PA
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586i Silva, Bruno Nascimento.
As infâncias do labor : "Chão dos Lobos" sob a perspectiva de
Candoca, Raimundinho e Roberta. / Bruno Nascimento Silva, . —
2025.
26 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Fernando Farias
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras Língua
Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Dalcídio Jurandir; Trabalho; Infantil; Romance;
Literatura. I. Título.

CDD 016.8699

**AS INFÂNCIAS DO LABOR:
“CHÃO DOS LOBOS” SOB A PERSPECTIVA DE CANDOCA, RAIMUNDINHO E
ROBERTA.***

Bruno Nascimento Silva

Fernando Farias (orientador)

Resumo: o artigo intitulado *"As infâncias do labor: 'Chão dos Lobos' sob a perspectiva de Candoca, Raimundinho e Roberta"* objetiva compreender a representação do trabalho infantil no romance de Dalcídio Jurandir, analisando sua influência sobre três personagens. Para isso, o estudo investiga a estrutura familiar, as condições objetivas socioeconômicas e as perspectivas de cada um dentro da obra. Para tal feito, foi necessário aproximações a conceitos como capital cultural, poder simbólico, capital social, entre outros, além de discussões sobre infância e trabalho infantil. Logo de imediato, é possível notar que os personagens apresentam perspectivas diferentes em relação ao trabalho: Candoca é um menino pobre que trabalha desde cedo para sustentar sua família; Raimundinho é um jovem talentoso com habilidades matemáticas, porém limitado a ser um vendedor de pastéis, por falta de oportunidades educacionais; já Roberta, representa uma menina que transita da escola para o trabalho precoce na fábrica. Dessa forma, a pesquisa evidencia que o trabalho infantil no romance não é apenas um elemento narrativo, mas um mecanismo de denúncia social. Portanto, a leitura empreendida pelo artigo busca reforçar a importância da literatura como instrumento de compreensão e problematização da exploração infantil, promovendo reflexões sobre sua persistência na sociedade atual.

Palavras-Chave: Dalcídio Jurandir; trabalho; infância; literatura; romance.

Abstract: the article titled *"The Childhood of Labor: 'Chão dos Lobos' from the Perspective of Candoca, Raimundinho, and Roberta"* aims to understand the representation of child labor in the novel by Dalcídio Jurandir, analyzing its influence on three characters. To that end, the study investigates family structure, objective socioeconomic conditions, and each character's individual outlook within the narrative. In doing so, it required an engagement with concepts such as cultural capital, symbolic power, social capital, among others, as well as discussions surrounding childhood and child labor. Right from the start, it becomes clear that the characters hold different perspectives on labor: Candoca is a poor boy who works from an early age to support his family; Raimundinho is a talented young man with mathematical skills, yet confined to working as a pastry seller due to lack of educational opportunities; Roberta, on the other hand, represents a girl who transitions from school to early labor in a factory. Thus, the research highlights that child labor in the novel is not merely a narrative element, but a mechanism of social critique. Therefore, the interpretation presented in the article seeks to emphasize the importance of literature as a tool for understanding and questioning the exploitation of children, fostering reflections on its persistence in contemporary society.

Keywords: Dalcídio Jurandir; work; childhood; literature; novel.

* Artigo referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português), da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir – UFPA/Altamira. Examinadores: Prof. Dr. Fernando Jorge dos Santos Farias (UFPA/Altamira, Orientador); Prof. Me. João Jesus Rosa (examinador 1); Prof. Dr. Auxiliador Jairo de Sousa (examinador 2).
Data e horário da apresentação: 23/05/2025, às 8:30h (Campus Altamira).

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na decadente realidade de “*Chão dos Lobos*”, penúltima obra da série romanesca do romancista Dalcídio Jurandir, a infância é tragada de uma só vez pelo peso do labor e a sempre urgente necessidade de gerar lucros. No romance, devido à exploração sofrida por alguns personagens, o começo da vida não é um tempo de descobertas, mas um período marcado muito mais por obrigações e privações. Para o autor ficou a triste, mas necessária, tarefa de expor, em termos literários (e por isso muito mais impactante), a condição degradante dos pequenos na fictícia cidade de Belém em meados do século XX¹.

Nesta leitura, iremos seguir os passos de três personagens que refletem a exploração de crianças, evidenciando a literatura também como um espaço de denúncia. Veremos que Candoca, curvado ao sol escaldante, arranca um capim teimoso das calçadas de Belém, enquanto canta e sonha com uma liberdade que nunca conheceu realmente. Raimundinho, ágil com os números, rápido com as frações, não consegue entender o jogo de sinais da vida, em que quanto menos recursos se tem, menos oportunidades lhe são dadas. Roberta, a menina “maiorzinha” da escolinha, se vê pressionada entre as carteiras da escola de Dona Nivalda e o ruído das máquinas da fábrica de solas de borracha.

Com a mesma responsabilidade de expor criticamente a exploração infantil, surgiu-nos, ao enfocarmos nas condições e nuances da vida desses personagens, a seguinte questão: como o trabalho infantil é representado no romance “*Chão dos Lobos*”, de Dalcídio Jurandir? No livro, cerca de trinta e cinco passagens fazem referência a essa questão, porém, concentramos somente nas circunstâncias relativas as três personagens, dado os limites que a investigação aqui apresenta.

A representação do trabalho, de forma geral, é uma temática muito recorrente dentro do romance. É possível encontrarmos as mais diversas formas de trabalho representadas na obra. Em um estudo realizado por Oliveira e Silva (2022), foram identificadas, pelo menos, treze formas diferentes de trabalho. Dentre elas, podemos citar, trabalho infantil, trabalho das mulheres, trabalho docente, trabalho operário, entre outros.

A partir desse breve panorama, fizemos a delimitação do nosso objeto a ser abordado neste artigo. Focamos unicamente na categoria do trabalho infantil. Entendemos que com este estudo instauramos um novo viés de pesquisas sobre a obra de Dalcídio Jurandir. Nesse sentido,

¹ Sobre o autor da obra em tela, destacamos que Dalcídio Jurandir foi um escritor brasileiro que nasceu no estado do Pará, na localidade de Ponta de Pedras, no arquipélago do Marajó. Viveu entre os anos de 1909 a 1979, e deixou rica herança literária. Dentre todas suas produções, escreveu um conjunto de dez romances intitulado Ciclo Extremo-Norte. No nono romance desse ciclo, “*Chão dos Lobos*”, é onde salientamos o debate acerca do trabalho, objeto desta pesquisa.

intentamos contribuir junto aos estudos que se voltam à herança literária deixada pelo escritor marajoara. Dessa forma, a atualidade deste trabalho se apresenta na medida em que o tema por ele proposto, trabalho infantil na literatura, é relevante ainda hoje, dado que é um assunto ainda recorrente nos romances contemporâneos.

É importante lembrar que, ao delimitarmos nosso recorte apenas nos personagens infantis, que são sequestrados pelo mercado de trabalho, procuramos esclarecer alguns pontos específicos. De maneira organizada, esses pontos formam o conjunto de objetivos que buscamos alcançar nesta pesquisa. São eles: 1) classificar a estrutura familiar de Candoca; 2) relacionar a condição objetiva de Raimundinho com o conceito de poder simbólico de Bourdieu; 3) mapear a trajetória “problemática” de Roberta².

O caminho que seguimos neste trabalho passou por algumas etapas para que pudessemos alcançar os objetivos indicados no parágrafo anterior. Primeiro, fizemos uma introdução abordando temas mais gerais, como o conceito de trabalho infantil e a noção de infância. Em seguida, delimitamos nosso objeto de análise e buscamos contribuições de outros autores que pudessem enriquecer o estudo. Depois, identificamos todas as passagens do livro que mencionam alguma atividade que se encaixe na ideia de trabalho infantil e selecionamos os trechos mais relevantes, ou seja, os momentos que narram a trajetória dos personagens infantis aqui analisados: Candoca, Raimundinho e Roberta. A partir disso, interpretamos esses trechos à luz do referencial teórico e, por fim, relatamos os resultados da pesquisa.

Os materiais utilizados foram divididos em duas categorias: fontes primárias e secundárias. A fonte primária foi exclusivamente o livro “*Chão dos Lobos*”, de Dalcídio Jurandir, publicado pela primeira vez em 1976 pela editora Record (relançado em 2019, pela editora Pará.grafo). Já as fontes secundárias incluíram livros, artigos, dissertações, teses e revistas que contribuíram para a nossa análise sobre as diferentes formas de trabalho das crianças presentes na obra. Mas antes de entrarmos propriamente na discussão sobre os três personagens infantis, julgamos de grande relevância discorrermos brevemente sobre dois

² Tendo em vista as considerações de Denice Catani, Afrânio Catani e Gilson Pereira (2000), vale ressaltar que não iremos nos aprofundar na teoria de Bourdieu, mas buscaremos aproximações ao modo, a forma de ler. As considerações do autor francês são, na verdade, ferramentas, tal como uma lupa, que emprestamos para observar mais de perto as especificidades e entrelinhas do romance “*Chão dos Lobos*”. Ainda que seja um primeiro contato com os escritos do autor, tivemos o cuidado de aplicar, na medida do possível, o *modus operandi* de Bourdieu, que entre outras coisas, analisa a sociedade a partir de um pensar relacional. Essa forma de pensamento intenta ficar mais nítida quando estabelecermos considerações sobre os três personagens e, de forma mais latente, quando erguermos os diagramas aqui apresentados, em que procuramos representar visualmente como os elementos estão sempre relacionados e nunca isolados.

aspectos fundamentais: o conceito de trabalho infantil e a construção histórica da noção de infância.

2. PREPARANDO O TERRENO

Tendo em vista que este estudo almeja compreender o trabalho de crianças na obra “*Chão dos Lobos*”, especificamente os trechos relacionados aos personagens Candoca, Raimundinho e Roberta, é de suma importância esclarecer brevemente dois pontos relevantes: o que entendemos por trabalho precoce? E, o desenvolvimento histórico da noção de infância.

Sobre o primeiro ponto, o conceito de trabalho infantil refere-se à realização de atividades laborais por crianças e adolescentes que não atendam aos requisitos legais para o exercício dessas atividades, colocando em risco seu desenvolvimento físico, psicológico, educacional e social.

Porém, o enredo do romance de Jurandir (2019) se passa no início do século XX, um período em que ainda não havia dispositivos legais que refletissem essa noção, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) ou os textos da Constituição Federal de 1988. Naquele contexto, a regulamentação era realizada por meio do Decreto 17.943-A de 12 de outubro de 1927. Lima (2020) pondera que esse foi o primeiro código a tratar da condição das crianças e adolescentes de forma diferente dos adultos, ainda que a justificativa estivesse mais alinhada com a questão da manutenção da ordem social do que propriamente preocupara com a proteção dos pequenos.

O primeiro Código dedicado à proteção da infância e da adolescência, cuja doutrina subjacente era a de manter a ordem social, foi aprovado no dia 12 de outubro de 1927. O diploma normativo em pauta, que também é conhecido como Código Mello Mattos, em seu capítulo XXI, regulamentou o trabalho dos menores da época. Antes de tal Código, as normas de proteção existentes apenas se destinavam aos menores transgressores da lei penal, além de coibir a prática de ilícitos (Lima, 2020, p. 752).

Mas foi só com a Constituição de 1934 que a proibição de atividades laborais de menores de 14 anos se deu de forma expressa com o objetivo de realmente proteger a infância e a adolescência, e não apenas para manter a ordem social como era justificado pela jurisprudência do Decreto 17.943-A.

A Constituição de 1934, de forma pioneira, tratou expressamente sobre a proteção à infância e juventude. Além disso, proibiu a diferença salarial por motivo de idade e o trabalho dos menores de 14 anos, bem como estabeleceu restrições ao labor desempenhado pelos menores de 16 anos. O mesmo se infere nas Constituições de 1937 e 1946 (Lima, 2020, p. 752).

No que diz respeito ao segundo ponto, vale mencionar que a noção de infância que temos na atualidade nem sempre foi a mesma em outros períodos da história. Foi a partir do

período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna que a nossa visão sobre a criança começou a mudar.

A concepção de infância que temos hoje não existia na Idade Média. Essa foi uma ideia forjada no período de transição para a Modernidade, uma passagem marcada por um complexo e difuso período histórico de vários séculos, em que as estruturas e as conjunturas da sociedade medieval foram lentamente substituídas por um novo tipo de sociedade moderna (Vieira e Brito, 2013, p. 3).

Podemos dizer que a criança era trada como um ser incapaz de contribuir ativamente na sociedade. E isso ocorria pelo fato de que ela era vista como um adulto em miniatura, representação recorrente nas obras artísticas do século XI.

Uma miniatura otomaniana do século XI nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão. O tema é a cena do Evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a ele as criancinhas, sendo o texto latino claro: *parvuli*. Ora, o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. Apenas seu tamanho os distingue dos adultos (Ariés, 1986, p. 50-51).

É só no século XIII que a percepção sobre os pequenos começa a se assemelhar com o sentimento que temos hoje, uma figura mais delicada, indefesa e inocente em comparação aos adultos. As primeiras representações artísticas que servem como base para defender esse ponto de vista são as obras que utilizavam a figura do anjo.

A partir do século XIII começaram a surgir representações artísticas de crianças mais próximas do conceito moderno de infância. Aparece nesse século a figura do anjo como representação artística da criança. A ideia do anjo, de traços graciosos, redondos e um pouco efeminados, estava ligada a crianças educadas para ajudar na missa, nos seminários, uma infância eclesiástica, e se tornaria uma representação frequente da criança nos séculos seguintes nas mãos de pintores como Botticelli e Fra Angelico (Vieira e Brito, 2013, p. 5).

Diante desse breve esboço histórico sobre o desenvolvimento do sentimento de infância, é relevante mencionar que as crianças cumprem uma função importante para o desenrolar de todo o enredo que perpassa em “*Chão dos Lobos*”. Dessa forma, o narrador possibilita que os pequenos desempenhem um papel mais ativo e sejam protagonistas das suas próprias histórias (no plano ideal, pois na realidade veremos que não é exatamente isso que ocorre), algo inimaginável nas representações da Idade Média.

Porém, ao nosso ver, a emancipação da criança não ocorreu por vias benéficas. O momento em que elas assumem o papel mais ativo na sociedade é justamente na ocasião em que se tornam vítimas dessa própria emancipação, pois tal mudança drástica tem o trabalho infantil como uma de suas ferramentas³. Assim, não se trata de uma emancipação que esteja no

³ Voltaremos a essa questão no tópico 3.3 deste artigo “Roberta: transição entre menina de escola e moça de fábrica” em que demonstraremos que o trabalho infantil muda a nossa concepção em relação à criança que trabalha, e por isso, entendemos que se trata de uma emancipação alienante.

plano da ação; trata-se de uma emancipação parcial que está apenas no plano da consciência coletiva em relação à visão geral da infância.

Vale salientar que o livro “*Chão dos Lobos*” não tem como foco principal a exploração do trabalho infantil. Seu enredo se constrói a partir das vivências do povo, mas a presença dessa realidade é significativa, de tal modo que cogitamos a identificação de mais de trinta e cinco passagens que fazem menção a diferentes formas de atividade laboral exercida por crianças. Em alguns momentos, essa prática é retratada de maneira crítica; em outros, permeia a naturalização social. A obra ainda apresenta exemplos de trabalho em fábricas, um cenário recorrente, além de atividades domésticas e autônomas. Diante dessa diversidade de representações, torna-se essencial analisá-las com alguma profundidade, compreendê-las e classificá-las, a fim de estabelecer novos horizontes para a crítica literária.

Dalcídio Jurandir, ao lançar seu olhar para a condição das crianças por meio de sua obra, mostra que grande parte da miséria representada dentro da narrativa se deve à exploração sofrida por seus personagens infantis⁴. Sobretudo, o trabalho infantil aparece como uma forma ainda mais degradante de exploração. Nesse sentido, é possível identificarmos que, em alguns casos, ao tratar do trabalho infantil, a voz do narrador se confunde à voz dos personagens⁵, criando um efeito de sentido, cujo produto é evidenciar que personagem e narrador compartilham do mesmo ponto de vista, falam sob uma única voz em favor dos expropriados.

Mas olha primeiro um instante esses miudinhos de beira-rio carregando lenha para o gaiola, carregando, carregando lenha, como vão vergadinhos! Correm pela prancha, o pé maneiro, ágeis, curvos ao peso das achas, seres de uma estranha espécie, saídos da selva de repente, astutos e velozes. Deles a voz? não se ouvia. D. Nivalda atirou-lhes um pedaço de bolacha, passem um sebo no ombro deles, soprem no nariz deles para que tomem um fôlego. Me deixem com a beira de minha saia enxugar o rosto de cada um? Carregando lenha. Toda noite, Amanajás? (Jurandir, 2019, p. 133).

É pela grande recorrência de passagens que evidenciam a exploração, tal como o excerto acima, que cogitamos a possibilidade do universo derruído teorizado por Furtado (2002) se estender ao romance “*Chão dos Lobos*”. Ambientado em uma fictícia Belém decaída, a carga semântica negativa alaga todo o enredo da obra, tornando-a em um universo derruído de fato.

Ora, a professora Nivalda vive uma vida desiludida, na qual sua única fuga são as lembranças de um passado movimentado ao lado do falecido marido, comandante Amanajás. Alfredo descobre que a vida em Belém está muito distante daquilo que ele imaginava nos

⁴ De acordo com Veloso (2022), as crianças ocupam um lugar considerável nas produções literárias (e jornalísticas) do escritor Dalcídio Jurandir.

⁵ Um caso similar já apontado na obra “*Chão dos Lobos*” está presente no estudo realizado por Araujo e Lopes (2022), em que as autoras demonstram que esse tipo de narrador funciona também como uma ferramenta para trazer mais leveza ao texto literário dalcidiano.

primeiros romances do ciclo. O protagonista vivencia as festas de boi na capital do Pará e observa que, além das festanças animadas, elas eram muito marcadas pelas brigas, prisões e dificuldades financeiras que os donos dos bois passavam. O casal português encarregado da estância (a vila em que Alfredo era inquilino) viviam uma vida miserável. A casa desse casal, para se ter uma ideia, “fedía a remédio, bolor e urina” (Jurandir, 2019, p. 97). Em seguida, Alfredo perde sua vaga no ginásio, decide ir ao Rio de Janeiro, é roubado durante a viagem.

É em meio a essas tantas situações negativas que os personagens dalcidianos transitam, onde a felicidade aparece poucas vezes na narração; a felicidade, ou pelo menos algo perto disso, está majoritariamente no passado dos personagens, nas suas lembranças. O presente é marcado muito mais por angústia, sofrimento e desamparo. E essa carga semântica negativa do romance é intensificada ainda mais com a representação do trabalho infantil. Chegamos assim ao personagem Candoca: uma criança pobre, que vive no subúrbio de Belém e que precisa trabalhar o dia todo para ajudar no sustento de sua família.

3. CANDOCA E O TRABALHO INFANTIL

O trabalho infantil é retratado no romance como algo penoso, exploratório, degradante e naturalizado frente as necessidades. Observamos isso em uma primeira passagem, o momento em que os ferrinhos⁶, um grupo de crianças de dez anos de idade, capinadoras das calçadas de Belém, trabalham no sol árduo, sob a vigilância de um senhor:

Atravessava o Boulevard onde, dobradinhos sobre os paralelepípedos do meio da rua, os ferrinhos de dez anos catavam capim, reco-reco-reco-reco. Um senhor baixo corado, paletó e guarda-chuva, tomava conta deles, como um velho guardador de carneirinhos sujos que pastavam aquele capim por entre os paralelepípedos. Era arrancar o capim noutro dia o capim grelava (Jurandir, 2019, p. 43).

Podemos observar que o trabalho realizado por essas crianças é extremamente degradante, e que nunca acaba, pois “era arrancar o capim, noutro dia o capim grelava” como se elas estivessem condenadas a um sofrimento eterno. E como forma de fuga daquela realidade exploratória, elas cantavam, um cantar que “feria, doía” (Jurandir, 2019, p. 49).

⁶ O termo "ferrinhos" é utilizado de forma pejorativa para se referir a alguém considerado relativamente ocioso, frágil e sem garantias de segurança ou compensação caso algo aconteça. Essa expressão guarda uma relação parecida aquela usada na atualidade aos guardadores de carro, os chamados “flanelinhas”. Esses, quase sempre, também são associados a trabalhadores de menor valor, indivíduos que desenvolvem um serviço informal, não regulamentado, diferentemente de atividades profissionais como a de manobristas de autos, por exemplo, que, além de caracterizar uma função específica (como estacionar e manobrar veículos), têm a responsabilidade de garantir a segurança dos carros sob sua guarda.

Um dos ferrinhos⁷ era chamado Candoca, um nome cuja etimologia evoca alguém ingênuo, pacato e domesticável. Esse personagem morava no *Não-Se-Assuste*, um “renque de palhoças” onde “a lama entrava pelas portas” (Jurandir, 2019, p. 29). Todos ali viviam em condições extremamente escassas e insalubres, nas quais até mesmo os cachorros eram concorrentes das crianças na disputa por alimentos. Candoca, desde muito cedo, carregava o grande fardo de trazer o sustento para dentro de casa e com isso um único trabalho não era o suficiente.

Um dos limpadores morava no *Não-Se-Assuste*. Mal acabava, ia catar pelo cais um servicinho, ajuda a varrer navio, passa um bom pedaço da noite escolhendo e separando os bagos do feijão do milho, o arroz do café e com isso trazia um sofrido mantimento para casa nem toda semana. Chegava tarde e aqui, no lamaceiro, à noite, devolvia-se ao menino, entretido a soprar a velha flauta rachada, encontrada num aterro do lixo (Jurandir, 2019, p. 43).

Nesse trecho, percebe-se que o “tempo livre”, o retorno à meninice de Candoca está diretamente relacionado à situação financeira de sua família. Sua mãe não tinha condições de sustentar a casa, e, por isso, Candoca assume a responsabilidade de prover o sustento, aceitando qualquer trabalho que surja. Assim, seu dia é inteiramente dedicado a atividades econômicas, impedindo que ele tenha tempo para realizações provavelmente mais agradáveis, adequadas à infância. Como consequência, a condição dependente de sua família também impede que Candoca invista na aquisição de algum capital cultural⁸ devido à falta de tempo livre. Esse cenário retratado em “*Chão dos Lobos*” em grande medida, parece exemplificar parte do desdobramento do pensamento de Pierre Bourdieu quando comunica acerca da aquisição de capital cultural:

O tempo durante o qual determinado indivíduo pode prolongar seu empreendimento de aquisição depende do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição da acumulação inicial - tempo que pode ser avaliado como tempo em que se deixa de ganhar (Bourdieu, 2015, p. 85).

O tempo livre de Candoca (ou a falta desse tempo livre), diga-se de passagem, se apresentará como um fator fundamental para a compreensão relacional dos mecanismos que contribuem para a perpetuação das estruturas sociais que atuam sobre ele mesmo. A prática do

⁷ De acordo com Veloso (2022) o olhar de Dalcídio Jurandir já havia se direcionado para a questão dos “Ferrinhos” em momentos anteriores à publicação de “*Chão dos Lobos*”. Por meio de uma crônica intitulada “Os Ferrinhos” e uma matéria de jornal publicada no periódico *Imprensa Popular*, em 1955, Dalcídio já trazia para o centro do debate a condição degradante dessas crianças.

⁸ O conceito de capital cultural se refere ao conjunto de recursos culturais, conhecimentos, habilidades, comportamentos, atitudes e bens culturais (como diplomas, livros, títulos acadêmicos) que um indivíduo possui. Esses recursos podem ser usados para obter vantagem social, e até mesmo econômica. Estão intimamente relacionados ao acesso a diferentes formas de ganhar poder dentro de uma sociedade (Bourdieu, 2015).

trabalho, arbitrário por desconsiderar sua condição de infante, representa para ele, para sua família, a única forma possível de (sobre)vivência. Nesse sentido, Souza explica que:

O trabalho de crianças e adolescentes, na sociabilidade capitalista, ainda é percebido pelo senso comum como capaz de tirá-las da condição da pobreza e como parte do seu processo formativo para a vida. Isso significa que a educação formal/escolar é considerada menos importante que a participação no trabalho produtivo direto (Araujo, 2003, p. 27 *apud* Souza, 2020, p. 39).

É pensando em situações iguais a de Candoca, um menino que trabalha o dia inteiro para ajudar no sustento da família, que algumas iniciativas tentavam combater o abandono escolar por parte dos trabalhadores por meio de uma educação noturna.

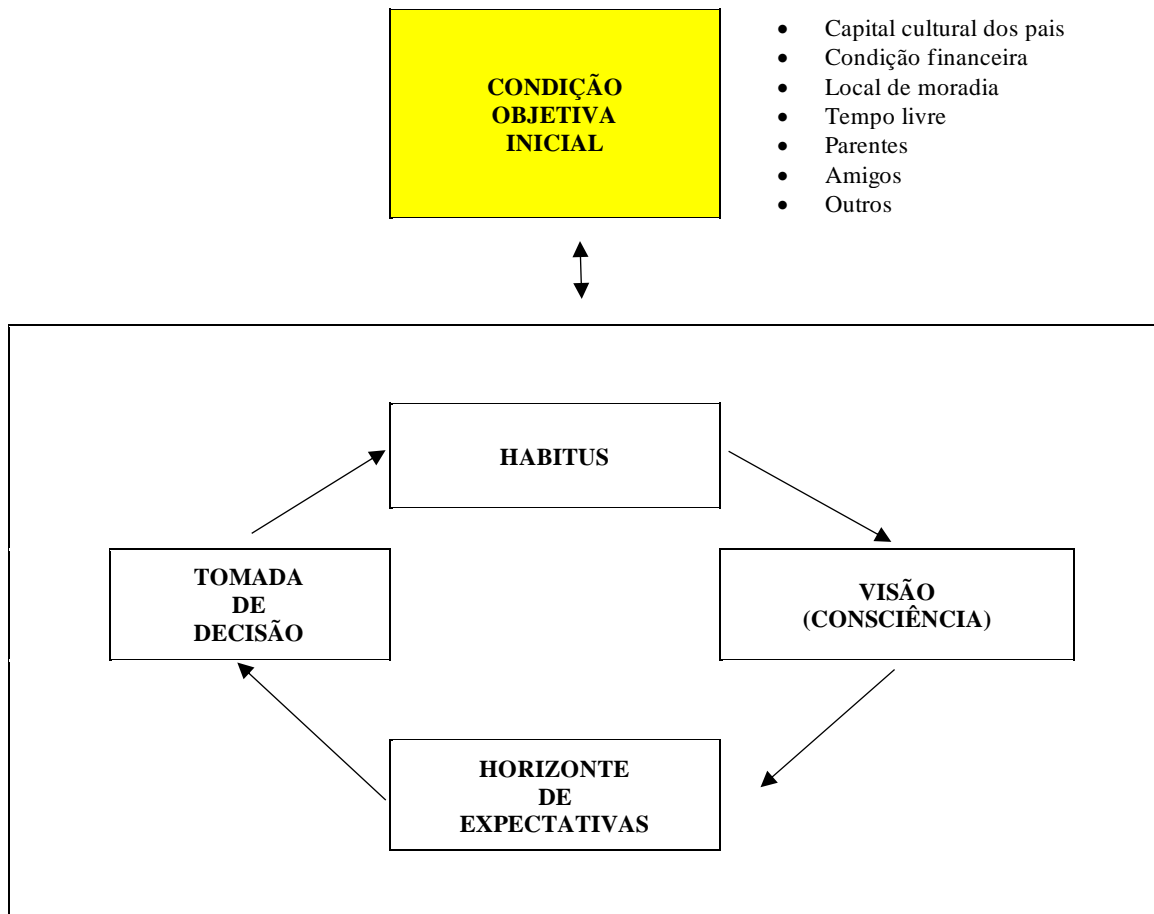
Nesse sentido, ao observarmos o contexto histórico do início do século XX, vemos que, de acordo com Terribili filho e Nery (2009), já havia iniciativas para a regulamentação de um ensino noturno no Brasil. Dispositivos legais como o Decreto Lei 7.034 de 6 de setembro de 1878 favoreceram a disseminação das escolas noturnas. Inclusive, Moacyr (*apud* Almeida, 1988) registra o funcionamento dessas instituições de ensino na província do Grão-Pará.

Entretanto, não há em nenhum momento da narrativa indicação de que Candoca frequentou ou tinha pelo menos vontade de frequentar uma escola noturna, pois as suas reais condições não lhe forneciam um horizonte de expectativa suficiente para que almejasse isso.

Assim, depreendemos que as condições objetivas de Candoca moldam o seu *habitus*⁹, que por sua vez tende a modificar sua própria visão (consciência) sobre a sociedade, a vida e as formas de se viver. Torna-se oportuno, assim, uma análise relacional para demonstrar como esse personagem está preso às forças sociais que tendem a perpetuar sua realidade precária. Esse sistema autossustentável da condição desfavorecida de Candoca pode ser representado da seguinte forma:

⁹ O *habitus*, segundo Bourdieu (2007), é o conjunto de disposições (conjunto de elementos que moldam a forma como a pessoa age, pensa e percebe o mundo ao seu redor) que orienta as ações e práticas de cada indivíduo. Essas práticas, ao serem efetivamente realizadas (ouvir um estilo de música, praticar um esporte, ler um livro, falar um dialeto, escolher um curso superior, visitar um museu, ir a uma festa, consumir determinados tipos de bebidas, apoiar determinado candidato político, trabalhar em uma empresa, entre outros), são classificadas de acordo com as normas sociais e culturais e interpretadas dentro de um espaço social (que é composto pelas diferentes formas de viver), onde as diferenças entre estilos de vida e gostos são claramente definidos e percebidos por toda comunidade.

Figura 1 – Sistema de reprodução dos fatores individuais de Candoca



Fonte: elaboração dos autores.

De acordo com a figura 1, podemos observar que as condições objetivas são o propulsor inicial na jornada de Candoca. Porém, é importante ressaltar que não agir de acordo com o horizonte de expectativas, a qual as condições objetivas o proporcionam, implica em punições sistemáticas resultantes dessas tomadas de decisões destoantes. Ainda que alguns traíam suas condições objetivas e tracem um percurso social “ousado”¹⁰, a minoria ínfima terá êxito de fato, enquanto a maioria perderá todas as suas supostas chances iniciais caso tivessem o “pé no chão” e fizessem escolhas compatíveis com suas reais condições.

Outro ponto de grande relevância na leitura do personagem em questão é que sua própria família age como aparelho regulador e perpetuador do sistema de transmissão das condições sociais. A mãe de Candoca, dada as condições e necessidades objetivas que se encontrava, não

¹⁰ Traçar um percurso social “ousado” significa ter comportamentos incomuns para uma determinada classe a que o agente social pertence. A esse fenômeno, Bourdieu (2007, p. 316) chama de “trânsfuga” de classe. A noção de “trânsfuga de classe” refere-se ao fenômeno em que indivíduos de uma classe social buscam se distanciar ou se desligar de sua origem de classe para ascender socialmente, muitas vezes adotando comportamentos e práticas da classe dominante. Esse processo pode envolver a adoção de novas práticas culturais e estilos de vida, ou seja, a mudança não é apenas de ordem econômica, mas também de ordem cultural e social.

apenas limita o tempo livre do filho, como também regula e coordena de forma, podemos dizer, coercitiva.

Chegava tarde e aqui, no lamaceiro, à noite, devolvia-se ao menino, entretido a soprar a velha flauta rachada¹¹, encontrada num aterro do lixo. Soprava, soprava, precisava a mãe:

- Dormir, Candoca, que é o emprego cedo, guarda é que é o peito pro capim que tens de arrancar, amanhã, olha a obrigação.

Alfredo recolheu-se, o cão ladrava, a carta era invenção do velho? Lá está ao pé da torneira o menino com a flauta.

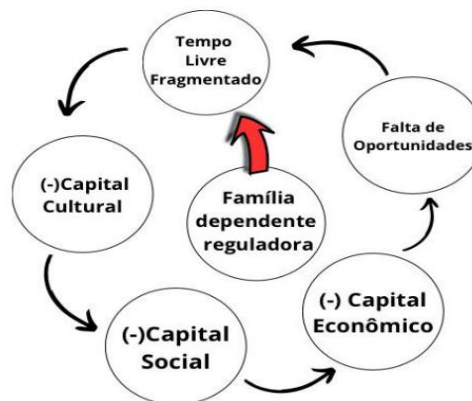
— Candoca, dormir, que amanhã é a tua obrigação, meu filho! (Jurandir, 2019, p. 43).

De acordo com o trecho acima, fica evidente que a mãe (família) de Candoca age de forma reguladora no que tange ao tempo livre desse personagem. Nesse sentido, a visão de mundo da família do menino e as atitudes tomadas estão de acordo com a posição social que eles ocupam. Emprestando as compreensões de Bourdieu (2015), entendemos que:

As atitudes dos membros das diferentes classes sociais, pais ou crianças, e muito particularmente, as atitudes a respeito da escola, da cultura escolar e do futuro oferecido pelos estudos são, em grande parte, a expressão do sistema de valores implícitos ou explícitos que eles devem à sua posição social (Bourdieu, 2015, p. 51).

Dessa forma, sua condição pode ser compreendida como parte de mais um círculo vicioso que se realimenta a cada nova manutenção dos *habitus* comuns à sua própria classe. Como demonstrou Bourdieu, os privilégios das classes mais favorecidas são cumulativos. E por uma proporcionalidade coerente do sistema de transmissão, concluímos que as desvantagens das classes menos favorecidas também são. Esse cenário da sua condição desfavorecida e cumulativa, tendo como base a precarização do tempo livre¹², pode ser representado pela seguinte figura:

Figura 2 – Sistema de desvantagens cumulativas de Candoca.



Fonte: elaboração dos autores.

¹¹ Observamos que a flauta rachada pertencente ao Candoca pode ser entendida também como uma simbolização do tempo livre precário, deteriorado e fragmentado que esse personagem dispõe para investimento em aquisição de capital cultural. Devido a isso, o personagem apresenta constante preocupação em consertar sua flauta rachada, ou seja, em consertar a sua própria condição precária e desfavorecida.

¹² Note que o tempo livre é um fator fundamental e determina boa parte da condição degradante do personagem Candoca.

A partir da figura 2, podemos perceber que a família de Candoca, por não ter boas condições financeiras, torna-se dependente dele para sustentar a casa. Isso faz com que a criança tenha que trabalhar o dia inteiro para trazer o sustento do lar. Por conseguinte, trabalhar o dia inteiro faz com que não sobre tempo livre que possa ser investido em capital cultural, social e econômico. A falta desses capitais gera pouca ou nenhuma oportunidade na vida do personagem, sendo limitado a atividades que tendem a diminuir progressivamente o seu tempo livre, e assim, reiniciando novamente todo o processo.

Assim, observamos que a condição de Candoca é extremamente precária, e muito se dá pelo fato de que as únicas redes de relações que ele pode efetivamente mobilizar (ou seja, seu capital social¹³) só lhe causam exploração e degradação, por exemplo, a sua mãe e o velho que fiscalizava o trabalho nas calçadas de Belém. Nesse sentido, acreditamos que poderia ser pensado em um “capital social negativo”, em que as relações que determinado agente estabelece dentro da sociedade, não lhe traz nenhum tipo de benefício.

Diante disso, a representação da condição de Candoca se diferencia da de Raimundinho, como veremos no próximo tópico, tendo em vista que a exploração sofrida pelo segundo personagem é suavizada em detrimento da falta de oportunidades que salta aos olhos.

3.2 RAIMUNDINHO E O PODER SIMBÓLICO

O romance "*Chão dos Lobos*" de Dalcídio Jurandir oferece um panorama multifacetado da vida na cidade fictícia de Belém, no início do século do século XX, mergulhando na complexidade das relações sociais e das condições de vida dos personagens. Entre eles, Raimundinho se destaca como uma figura que simboliza as tensões entre capacidade intelectual e falta de oportunidade. Nesse sentido, é possível erguer uma leitura da condição de Raimundinho à luz das formulações do conceito de poder simbólico, de Pierre Bourdieu, explorando como a sua situação é moldada pelas estruturas de poder e reconhecimento social.

Raimundinho é um jovem personagem com um talento notável para matemática. Ele é descrito como alguém com grande aptidão para os números, com uma paixão e um talento que se destacam no meio da comunidade onde vive. Porém, ainda que Raimundinho tenha a capacidade de resolver problemas matemáticos com facilidade, ele vive uma realidade muito

¹³ O Conceito de capital social, segundo Bourdieu (2015), refere-se aos benefícios que uma pessoa pode ter a partir das conexões e relações que ela mantém com outras. Em vez de ser algo físico ou financeiro, o capital social está relacionado ao poder e às vantagens que vêm de estar conectado (amizades) a uma rede de pessoas que compartilham interesses, valores ou objetivos. Essas conexões podem ser tanto informais quanto formais, mas o importante é que elas são duradouras e ajudam a pessoa a acessar recursos ou oportunidades.

diferente daquela que suas habilidades poderiam prometer. Nesse sentido, a narrativa ilustra a dicotomia entre o potencial intelectual e as circunstâncias sociais que moldam a vida de uma pessoa. Mesmo com toda aptidão matemática que possui, a realidade de Raimundinho é criada com o trabalho de vendedor de pastéis produzidos pela mãe da professora. A descrição do seu trabalho e de sua vida cotidiana, envolvido na venda dos pastéis reforça a distância entre seu potencial intelectual e as oportunidades disponíveis para a jovem criança:

— Não, não, Biá. Dizer que aprendo? Adeus. Dá lembrança. Ah, tu te lembras do Raimundinho? Sim, quedê ele? Raimundinho. Pretinho, cabeça de coco, vendia os pastéis da mãe da professora. Pela manhã, estudava. Que cabeça para os números! — Raimundo, você tem é queda para os cálculos da matemática. É taco nas contas, número é contigo, não? — Ah, meu camarada, pudesse... Pudesse, e este seu criadinho aqui ia era ser um da engenharia (Jurandir, 2019, p. 36).

Diante desse trecho, fica claro o fato de que ainda que as oportunidades de ascensão por meio do estudo sejam escassas para Raimundinho, percebemos que ele não deixa de sonhar com esse tipo de realização. Isso fica evidente no trecho em que ele diz: “Pudesse, e este seu criadinho aqui ia ser um da engenharia.” (Jurandir, 2019, p. 36).

Diante do excerto ficcional, torna-se interessante sobressairmos as concepções de Bourdieu (1998) acerca do entendimento do poder simbólico. Nesse, o poder não é apenas exercido por meio de estruturas econômicas e políticas, mas também através da capacidade de impor significados e normas sociais. O poder simbólico refere-se à capacidade de certos grupos ou indivíduos de definir o que é considerado legítimo, verdadeiro ou *valioso* dentro de uma sociedade. Este poder é exercido através de práticas culturais e sistemas de crenças que moldam a percepção e a valorização dos indivíduos e de suas ações.

Bourdieu argumenta ainda que o poder simbólico é um meio de controle social que se manifesta através da aceitação e da adesão a normas e valores que frequentemente perpetuam as desigualdades. Os indivíduos e grupos que detêm o poder simbólico têm a capacidade de determinar o que é visto como legítimo ou *desejável* na sociedade.

O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem [...]. Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo[...] (Bourdieu, 1998, p. 7-9).

Ao analisar a circunstância do personagem Raimundinho sob a perspectiva do conceito de poder simbólico, é possível perceber que sua condição (visão de mundo, objetivos, sonhos, ou seja, sua inserção na “ordem gnoseológica”) é moldada por uma vontade distante de obter reconhecimento e validação dentro de um sistema que frequentemente o marginaliza. O sonho que Raimundinho possui de frequentar a escola politécnica no Rio de Janeiro, como veremos

mais à frente, demonstra a valorização de um mecanismo de validação social que serve para sua própria exclusão.

Vimos que Raimundinho possui um talento notável para matemática, algo que é reconhecido por aqueles ao seu redor. Esse talento representa um tipo de "capital cultural", pois ele demonstra habilidades e conhecimentos que são valorizados em contextos acadêmicos e profissionais: “Traçava a fração com um desembaraço! E tão maneiro com os sinais, com os problemas, o olhar comendo os algarismos.” (Jurandir, 2019, p. 36). No entanto, o capital cultural de Raimundinho não se traduz automaticamente em capital simbólico¹⁴ ou social devido à sua falta de acesso a oportunidades educacionais e profissionais.

A narrativa menciona a Politécnica¹⁵, uma instituição de ensino superior localizada no Rio de Janeiro, que representa uma oportunidade de adquirir capital cultural por meio da educação formal. Raimundinho é apresentado como alguém que tem potencial para ingressar em uma instituição prestigiosa e possivelmente mudar de vida, mas devido às suas circunstâncias socioeconômicas e a falta de recursos, esse potencial não é realizado.

Ouvi falar assim por alto, soprou aqui pelo meu ouvido que tem lá no Rio de Janeiro uma escola por nome Politécnica. Disse o nome, até assustou-se, ficou roendo a unha, melhor tratar de vender os pastéis. Era chegar hora da tabuada, e Raimundinho ficava sozinho, dono dos números, as quatro operações na ponta da língua (Jurandir, 2019, p. 36).

Assim, notamos que o próprio sistema de mecanismos sociais cria uma forma de validar o capital cultural pertencente aos agentes (instituição que disponibiliza um certificado/diploma). É como se os agentes sociais recebessem um selo de validação, indicando que essa ou aquela pessoa possui capital cultural e que daí pode ser convertido em outros capitais: econômico, social ou simbólico. É esse selo de validação que Raimundinho, em alguma medida, almeja (mas lhe é incutido não ser merecedor, não ser adequado para ele - “melhor tratar de vender os pastéis”), representado pelo sonho distante de um dia frequentar a politécnica do Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que quem cria essa noção (visão) de importância sobre uma escola politécnica e de que não adianta ter conhecimento se não passar por uma dessas instituições é

¹⁴ De acordo com Bourdieu (2007), o capital simbólico é um conceito que se refere ao reconhecimento e prestígio que uma pessoa ou grupo tem em uma sociedade. Diferente do capital econômico (dinheiro, bens) ou do capital cultural (conhecimento, habilidades), o capital simbólico está relacionado ao valor social que atribuímos a alguém com base em sua reputação, status ou influência. Políticos renomados, escritores reconhecidos, professores universitários com titulação de doutorado, são bons exemplos de agentes portadores de capital simbólico.

¹⁵ Segundo Terribili Filho e Nery (2009), a Escola Politécnica do Rio de Janeiro é uma instituição de ensino superior, criada durante o Império no ano de 1874. Posteriormente, a Politécnica agregou-se às Faculdades de Direito e Medicina para formarem, em 1937, a então denominada Universidade do Brasil (UB) que, em 1965, passou a ser designada como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

a própria classe dominante. Em outros termos, podemos dizer que a classe dominante cria a necessidade social de frequentar uma instituição de validação de capital cultural e, ao mesmo tempo, dificulta esse acesso às classes menos favorecidas¹⁶.

Ao fazer com que as classes dominadas tenham a mesma percepção acerca dos instrumentos de validação do capital cultural, a classe dominante pode se beneficiar diretamente disso, tendo em vista que ela é a única proprietária desses meios, e que, portanto, é evitado o acesso das classes dominadas. É dessa forma que a classe dominante faz com que haja uma integração entre às classes, ainda que seja suscitando a “falsa consciência” das classes dominadas.

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções (Bourdieu, 1998, p. 10).

É exatamente nesse caminho que percorre o personagem Raimundinho. Ele integralizou a percepção de que é somente frequentando uma escola Politécnica do Rio de Janeiro que vai conseguir ser bem-sucedido na vida e que de nada vale o seu conhecimento acima da média se isso não for comprovado e validado em uma instituição renomada de ensino formal. Nesse sentido, Bourdieu nos leva a entender que:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumentos de imposição e legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <<domesticação dos dominados>> (Bourdieu, 1998, p. 11).

Raimundinho se conforma com a sua condição desfavorecida pelo fato de que ele não conseguiu cursar uma escola Politécnica e, portanto, para ele é normal que esteja naquela situação precária. É nesse sentido que temos a chamada “domesticação dos dominados”. A ironia está presente na comparação com o Deputado Federal, outro personagem do romance, que estudou na Politécnica, e agora possui vastas propriedades, enquanto Raimundinho, apesar de seu talento, permanece em uma posição de limitada mobilidade social.

Uma tarde, Raimundinho via chegar na lancha um senhor por nome o Deputado Federal, o Dr. Bento. — Esse aí, Raimundinho, estudou na Politécnica. Sabe quantas reses a família dele tem nas sete fazendas do Alto Arari? Raimundinho nem sabia,

¹⁶ Depreende-se das considerações de Bourdieu (1998) que a classe dominante quer apenas que a classe dominada desenvolva a consciência (noção de importância), de que o acesso às instituições de validação de capital cultural é o único meio de ser reconhecido socialmente, e, portanto, tenham o desejo de ingressar nessas instituições, mas não quer de fato que essa classe tenha chances objetivas de acesso. Assim, essa é uma forma sistemática de justificar as desigualdades sociais como sendo desigualdades naturais, legítimas e incontestáveis.

essa aritmética não sabia. Por isso mesmo segue pros rios acima num pontão velho recolhendo cabos, ali é sua politécnica (Jurandir, 2019, p. 37).

Assim, a diferença entre a vida de Raimundinho e a do Deputado Federal, que estudou na Politécnica e possui propriedades valiosas, destaca como o poder simbólico pode criar e reforçar desigualdades sociais. Dr. Bento, ao ter acesso a uma educação de prestígio, acumulou capital simbólico que contribuiu para seu status elevado e riqueza. Em contraste, Raimundinho¹⁷, apesar de seu talento, não tem acesso a essas mesmas oportunidades e, portanto, não consegue converter seu potencial em capital simbólico, que poderia ser um elemento necessário (a mais), para mudar sua posição social.

A menção à Fênix Caixeiral¹⁸ e ao ofício de guarda-livros, como uma aspiração mínima para Raimundinho, reflete a limitação de suas oportunidades: “ - Pago promessa a Nossa Senhora da Conceição para que você, Raimundinho, possa ir estudar ao menos na Fênix Caixeiral, lá na cidade, ofício de guarda-livros” (Jurandir, 2019, p. 37). O capital simbólico, neste caso representado por instituições educacionais e profissionais reconhecidas, é inacessível para ele. A narrativa mostra que, sem o reconhecimento formal e as oportunidades associadas ao capital simbólico, Raimundinho se vê preso a uma realidade de trabalho manual e baixo status social, mesmo com suas habilidades intelectuais.

Finalmente, a narrativa conclui com o personagem seguindo um caminho muito diferente do que sua aptidão poderia ter sugerido. A última imagem de Raimundinho em um "pontão velho, recolhendo cabos" (Jurandir, 2019, p. 37) sugere uma conformação à sua situação, com a Politécnica sendo uma metáfora para a oportunidade educacional que permanece fora de seu alcance.

Para Raimundinho, restou apenas a "politécnica da rua", onde a matemática se manifesta não em teorias e fórmulas, mas na prática dura do trabalho matemático braçal. Sem acesso ao reconhecimento formal de seu capital cultural, sua aptidão para os cálculos se converte em habilidade para contar trocados enquanto percorre os corredores do colégio vendendo pastéis, onde sua genialidade é até reconhecida pelos seus colegas, mas não potencializada.

¹⁷ De acordo com o Dicionário de Nomes Próprios (2025), o nome Raimundo vem do germânico Ragnemundus e significa “sábio protetor” ou “aquele que protege com conselhos”, e nesse sentido, carrega muito do poder de sabedoria que o personagem demonstra. Porém, o nome Raimundinho contrasta paradoxalmente em relação ao significado “sábio protetor”, afinal de contas, a derivação para o diminutivo impregna o ser em um sentimento de inferioridade e indica muito mais alguém que precisa ser protegido do que um protetor.

¹⁸ Conforme Silva (2008), a Fênix Caixeiral era uma instituição sociocultural, educacional, beneficente e filantrópica criada em Fortaleza no ano de 1891, e extinta em 1979, com filiais em diversos estados do país. A Sociedade Fênix Caixeiral Paraense foi registrada oficialmente no dia 21 de abril de 1917 por meio do Diário Oficial do Estado do Pará. A unidade estabelecida no Pará informava, por meio de seu estatuto, que um dos seus objetivos era fornecer cursos de português, francês, inglês, aritmética, escrituração mercantil e contabilidade comercial (Centro de Memória da Amazônia, 2018).

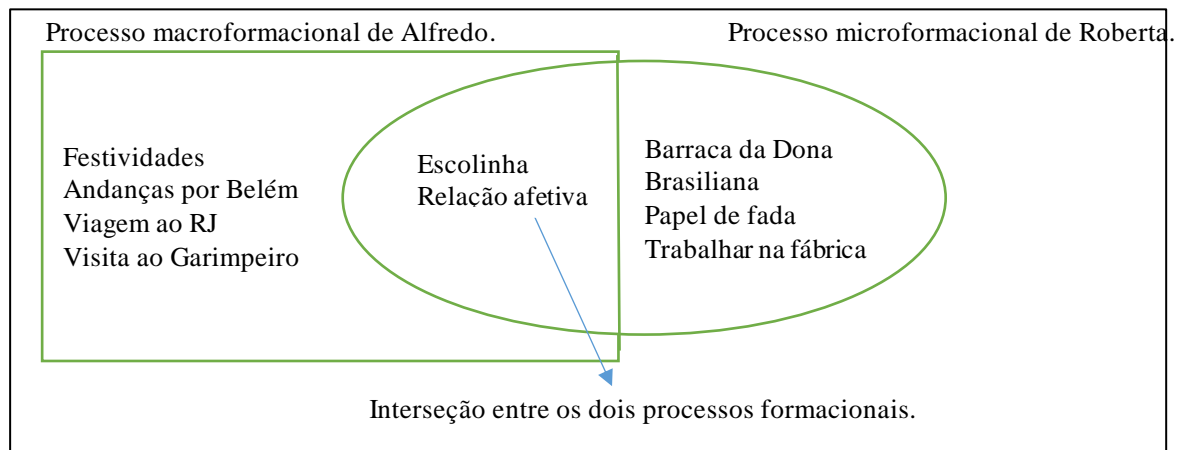
Enquanto Raimundinho, com seu horizonte de expectativas limitado pela falta de acesso ao capital simbólico e às oportunidades educacionais, é destinado ao trabalho manual de baixo prestígio, o percurso de Roberta, por sua vez, segue uma trajetória paralela, mas com algumas especificidades, como veremos a seguir.

3.3 ROBERTA: TRANSIÇÃO ENTRE MENINA DE ESCOLA E MOÇA DE FÁBRICA

Roberta é uma personagem que tem relativo destaque na obra “*Chão dos Lobos*”. Sua presença no romance, que se inicia no primeiro dia de aula do mestre escola Alfredo na escolinha da Dona Nivalda e se estende por quase todo o restante do livro, é evidenciada tanto por ações concretas realizadas ao longo da narrativa quanto pelos pensamentos do personagem protagonista, que a evoca constantemente. Ela é uma menina pobre que vive na periferia fictícia de Belém em meados do século XX, uma condição, como já se viu até aqui, comum a quase todas as personagens-crianças do romance dalcidiano.

Igualmente o personagem Alfredo, Roberta passa por um processo de formação no decorrer da narrativa, de tal forma que podemos dizer que a trajetória dessa personagem se aproxima àquilo que conhecemos como *bildungsroman* (Moisés, 2004, p. 56). O romance não tem Roberta como protagonista, mas Alfredo. Diante disso, surge um questionamento latente: como podemos classificar essa estrutura narrativa sendo que temos dois processos de formação ocorrendo paralelamente dentro do texto, e por vezes até mesmo em conjunto? Um primeiro investimento para chegarmos a uma resposta ao questionamento é entender até que ponto vai o processo de formação dessa personagem, e onde ele se conflui com o processo de formação do personagem Alfredo.

Quando olhamos para a composição e trajetória dos personagens Roberta e Alfredo, cogitamos que há a construção de um processo macroformacional e um microformacional, sendo que em determinado momento, há uma interseção entre os dois. O primeiro, refere-se ao conjunto de acontecimentos descritos na narrativa que contribuem para o amadurecimento do personagem protagonista (Alfredo). O segundo, em contrapartida, refere-se a todos os outros elementos narrativos que contribuem para o percurso formativo de determinado personagem coadjuvante (no caso, Roberta). A relação entre os dois processos formacionais pode ser representado pela seguinte figura:

Figura 3: *bildungsroman* em “Chão dos Lobos”.

Fonte: elaboração dos autores.

Um fato importante a ser abordado é que o trabalho infantil desempenha um papel determinante na trajetória formacional da personagem Roberta. Adiantando um dos resultados da nossa leitura, entendemos que o trabalho infantil muda a nossa visão em relação a essa personagem que antes era vista como menina e depois do trabalho na fábrica passou a ser considerada moça, sem que houvesse extensão cronológica considerável para isso.

Em um primeiro momento, Roberta inicia na narrativa como uma jovem aluna na escolinha da Dona Nivalda.

Foi olhando os meninos do primeiro banco, seis rostos melados, de maloca e jirau sobre o rio, todos numa curiosidade festiva ou receosa. Dois lhe pediram a bênção. No outro banco, defronte deles, três meninas, exagerando a surpresa, o agarravam com o olhar, tiravam e retiravam o pé das chinelas. E aquela, na pontinha do banco, cabeça baixa, vestido azul, riscando o caderno com o lápis, menos de pé que vergada, a mais alta? Ajeitou o atracador no cabelo curtinho, os olhos no caderno, sem se dar conta. No que a professora corre e atende à porta onde batiam palmas, a aluna ergue um instantinho o rosto para a janela, morde o beijo, deixa cair o lápis, abaixa-se a apanhá-lo, agora folheia o caderno, tirou um santinho, séria, solitária. E Alfredo, sem dizer “sentem-se” no seu silêncio: A Roberta? Na escolinha da D. Nivalda? Roberta! (Jurandir, 2019, p. 118-119).

Diante desse trecho, temos a descrição do primeiro momento de Alfredo na escolinha da D. Nivalda, em que ele aceita o convite de ser o seu mestre escola pelo período da tarde. Logo de imediato uma aluna chama sua atenção de modo especial, a Roberta. Como se pode observar, a narrativa desse primeiro dia de aula é lenta e com bastantes descrições do ambiente, dos alunos, dos gestos e todo o restante. Nada fica no escuro, e tudo é cuidadosamente descrito pelo narrador. O jogo de insinuações afetivas entre Alfredo e Roberta ganha relativo destaque face aos outros acontecimentos, deixando o leitor crer piamente que eles estão a ponto de estabelecer uma relação amorosa, algo que não se concretiza no restante do livro.

Assim como a grande maioria das personagens infantis no romance “*Chão dos Lobos*”, Roberta teve uma infância difícil. Seu pai tirava a renda da família por meio de um transporte de passeio que tinha como atração um cego que tocava uma flauta e um menino que tocava uma viola durante a viagem. Devido a um acidente na estrada, o pai de Roberta perde o carrossel que tomava conta e conseqüentemente o meio de subsistência da família. Nesse sentido, entendemos ser um primeiro fator problemático na infância dessa personagem que pode ter influenciado a sua indiferença frente às questões educacionais.

Era um velho carrossel de oito lugares, muito desarranjado, quatro cavalinhos, um carneiro, três assentos de pau, rodava no Pinheiro, girou pela Estrada de Ferro, um ano atravessou a baía de Marajó e virou em Soure. Soure ou Salvaterra? Não sabia bem. O dono, um gringo de óculos e chapéu colonial. O pai de Roberta tomava conta. Tinha o cego e sua flauta, um pequeno tocando viola, assim iam. Um domingo no Pinheiro quebra de uma vez a geringonça, o vento arranca a empanada; o pai de Roberta veio no trem guiando o cego, o menino vende a viola na viagem, e a flauta, que rachou, era aquela nas mãos do ferrinho? (Jurandir, 2019, p. 122).

Um segundo fator que pode estar relacionado ao afastamento de Roberta da escola diz respeito ao gênero e ao local de moradia. Emprestando as compreensões de Willeman (2024), entendemos que a relação das mulheres com a educação é frequentemente alvo de contestação por parte da sociedade em geral. A autora entende que entre os principais aspectos que impactam a trajetória educacional feminina, destacam-se o gênero e a localização geográfica. Considerando que Roberta é uma jovem de baixa renda e reside em uma área periférica de Belém, as reflexões da autora se mostram relevantes para a compreensão de sua situação.

A partir da observação crítica dos fatos cotidianos, foi possível perceber diversos fatores estruturantes das condições sociais que impactavam as condições concretas das estudantes mulheres para permanecerem ou evadirem dos cursos [...] que frequentavam, com ênfase para o tripé de classe, raça e gênero determinando objetivamente suas trajetórias nesses territórios. O fato de residirem, estudarem ou desenvolverem a maior parte de suas relações em territórios periféricos urbanos é determinante tanto para a forma concreta como vivem (o acesso a bens, direitos, políticas), como para as relações sociais que desenvolvem e a identidade que assumem e reproduzem (Willeman, 2024, p. 6).

No entanto, esses fatores externos¹⁹ não são os únicos responsáveis pelo desinteresse de Roberta frente à educação. Podemos citar ainda os fatores internos. De acordo com Freire (2018), o distanciamento que os alunos frequentemente experimentam em relação ao aprendizado escolar ocorre devido à natureza da educação bancária, onde o ensino é tratado como um simples depósito de informações. Nesse modelo, o professor "deposita" o conhecimento nos alunos de forma unilateral, sem considerar suas experiências de vida ou a realidade concreta em que estão inseridos. Os conteúdos são apresentados de maneira abstrata e desconectada do

¹⁹ Possíveis problemas econômicos, de gênero e local de moradia.

cotidiano dos estudantes, o que dificulta sua compreensão sobre a aplicabilidade desses assuntos em sua vida prática.

Freire critica esse modelo, pois ele impede que os alunos se tornem sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento, gerando um aprendizado superficial e desinteressante, sem uma ligação com suas necessidades e experiências. Em vez de fomentar a reflexão crítica e a interação com o conteúdo, a educação bancária se limita a um processo mecanicista de memorização e repetição, o que contribui para a falta de engajamento e de sentido no aprendizado.

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guarda-los e arquivá-los (Freire, 2018, p. 80-81).

É em meio a esse percurso problemático que Roberta ingressa e logo abandona a escolinha da professora Nivalda. A relação dessa personagem com o aprendizado é marcada em toda a narrativa por um distanciamento. É como se ela estivesse sempre alheia às questões educacionais, e quisesse escapar de um espaço que não lhe oferece pertencimento ou perspectivas: “Roberta olha o pêndulo, olha o fio da lâmpada forrada de papel crepom, logo se recolhe ao caderno, virando as folhas, quanto mais se fazia de aluna menos era, sempre em si mesma, recebendo pelos ares o seu ar de moça.” (Jurandir, 2019, p. 121).

Diante disso, entendemos que todos esses fatores abordados aqui, funcionam como elementos de pressão sobre a personagem e empurram-na para sua sentença: a inserção precoce no mercado de trabalho, ou seja, o trabalho infantil. Assim, o destino da personagem, influenciado por uma série de fatores, a leva a se transformar em uma “moça de fábrica” (Jurandir, 2019, p. 221), um rótulo de mulher malvista na sociedade daquela época²⁰, mas que se torna sua única alternativa viável de sobrevivência.

Já não pode esperá-la na D. Nivalda. Roberta na escolinha não vai mais, virou moça de fábrica, trabalha na Farah, em solas de borracha. Sai dos serões da fábrica no meio dum bando, todo aquele bando, pitiando a borracha. No sábado, entra em casa, rica do seu salário. Lá pelo quintal a figura do pai, o sempre flagelado. No Reduto compra um pano no prestação, aquele atracador brilhoso, e o sapato branco, tudo nos turcos do Reduto, vejam só a compradeira, agora é só “estive no Reduto” (Jurandir, 2019, p. 221).

²⁰ Havia uma forte associação entre o trabalho nas fábricas e a ideia de que as mulheres, especialmente as jovens, estavam sendo corrompidas ou expostas a ambientes imorais. Na visão da época, o trabalho fabril não era considerado um ambiente adequado para mulheres, especialmente porque elas poderiam ser vistas como desvirtuadas ou menos puras ao estarem longe do espaço doméstico e da proteção de suas famílias (Rago, 2004).

Diante do excerto acima, podemos concluir que Dalcídio, ao deixar indicações da condição degradante em que se encontrava sua personagem, após ela ingressar precocemente no mercado de trabalho, nos convida para uma breve discussão acerca das circunstâncias em que se encontravam as mulheres operárias naquele contexto.

De acordo com Rago (2004), nos primeiros anos do século XX, a maior parte das trabalhadoras nas fábricas brasileiras eram mulheres e crianças, as quais eram vítimas de extrema exploração, baixos salários, jornadas excessivas e condições insalubres. As fábricas, além de serem locais de trabalho insustentáveis, também eram lugares de recorrentes abusos. O assédio sexual de patrões era uma realidade constante, como relatado na imprensa operária da época.

Outro ponto importante que a autora aborda é a associação entre o trabalho feminino e a perda moral. As profissões predominantemente femininas, como costureiras, operárias e empregadas domésticas, eram frequentemente associadas a imagens de prostituição. Isso revela como a sociedade da época tratava a mulher trabalhadora, como se sua entrada no mundo do trabalho ferisse ou violasse os valores morais e familiares estabelecidos. A mulher no mercado de trabalho era vista como uma ameaça à ordem social, visto que seu afastamento do lar para a atividade laboral era considerado como o princípio de destruição da família (Rago, 2004).

Mas não para por aí. Além de toda essa problematização por parte da sociedade, as operárias ainda eram menosprezadas pelas próprias mulheres que lutavam pelas causas femininas. Rago (2004) enfatiza que as mulheres operárias eram consideradas incapazes de qualquer manifestação cultural ou intelectual significativa. As feministas da época viam as mulheres da classe trabalhadora como desprovidas da capacidade de se engajarem em movimentos culturais ou políticos mais profundos.

Assim, diante de tudo que foi abordado, podemos concluir que o caminho trilhado por Roberta não foi um simples desvio; mas sim o resultado de uma série de pressões e limitações impostas pelo seu ambiente social e familiar. Seu pai, descrito como uma figura “sempre flagelada” (Jurandir, 2019, p. 221), e o próprio contexto econômico e cultural da fictícia cidade de Belém, no início do século XX, parecem determinar sua escolha, sem que Roberta tivesse realmente chances de explorar outras possibilidades.

Nesse sentido, fica evidente que o narrador construiu a condição dessa personagem com o objetivo de mostrar como esses acontecimentos tiveram influência direta na sua postura em relação às questões educacionais e, posteriormente, sua precoce inserção no mercado de trabalho.

Dessa forma, é possível perceber que a trajetória de Roberta não pode ser analisada de maneira simplista, nem por meio de uma única via, pois está intrinsecamente ligada a um contexto mais amplo de condicionantes sociais, culturais e familiares. Com isso em mente, passamos agora às considerações finais, em que iremos refletir brevemente sobre cada um dos personagens abordados neste trabalho.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a obra “*Chão dos Lobos*”, tendo como base a exploração do trabalho infantil, ajudou-nos a estabelecer outras perspectivas para o texto literário. Uma delas está voltada para a condição relacional dos mecanismos que contribuem para a perpetuação das estruturas sociais que estão à volta de Candoca.

A leitura da condição desse personagem nos mostrou ainda que o tempo livre/fragmentado, simbolicamente representado pela flauta rachada, é uma categoria fundamental para a compreensão dos mecanismos que servem como fatores de pressão sobre ele.

Por outro lado, relacionar a condição de Raimundinho com a teoria do poder simbólico de Pierre Bourdieu, colocou em evidência a interseção entre falta de reconhecimento e poder em um contexto de marginalização. Raimundinho, ao cogitar validar sua capacidade intelectual, enfrenta um sistema simbólico que frequentemente perpetua a desigualdade e a exclusão. Seu sonho distante de frequentar uma escola Politécnica pode ser compreendido como uma inserção aos mecanismos de poder simbólico que moldam a percepção e o valor dos indivíduos em determinada comunidade. A trajetória desse personagem revela como a luta por reconhecimento e validação está intrinsecamente ligada ao poder simbólico que define e limita as possibilidades de ação e de sucesso.

Ao priorizar trechos que evidenciam a infância problemática de Roberta, o narrador justifica o distanciamento ou até mesmo uma resistência que ela tem em relação às normas educacionais. Assim, seu entendimento sobre o mundo e seu próprio lugar nele, pode estar sendo distorcido por esses entraves, tornando-a um alvo inevitável para o mercado de trabalho antes mesmo da adolescência. Nesse sentido existe todo um percurso formacional problemático para que ela chegue de fato a abandonar a escola e ingressar na exploração do trabalho fabril.

Fica evidente que o trabalho infantil não é apenas uma triste constatação histórica, mas uma realidade crua que, igual aos capins de Candoca, teima em permanecer no destino de várias crianças na atualidade. Crianças que deveriam estar aprendendo a ler, escrever, calcular, são obrigadas, desde muito cedo, a aprender o alfabeto da miséria.

A literatura dalcidiana, ao dar voz a esses pequenos silenciados, torna-se mais do que um registro: é uma denúncia, uma condenação, uma nota de repúdio. Dalcídio entendeu que não se trata apenas de narrar, mas de escancarar a realidade perversa de exploração que aniquila as oportunidades. As crianças que trabalham carregam fardos maiores que seus pequenos corpos em desenvolvimento podem suportar, crescem cedo demais e se tornam adultos prematuros sem nunca terem tido a chance de serem crianças realmente. Que a literatura continue sendo essa janela para enxergarmos realidades que não podem ser ignoradas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cristina Félix de; LOPES COSTA, Elisa Augusta. A leveza da linguagem poética suavizando a dureza da realidade. In: FARIAS, Fernando. **Chão de Dalcídio: perspectivas**. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2022, p. 19-43.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2°. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CATANI, Denice; CATANI, Afrânio; PEREIRA, Gilson R. de M.;. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro. In: **23ª Reunião Anual da ANPEd**. GT 14 Sociologia da Educação. Caxumba/MG, setembro, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/trabtit2.htm#gt14> Acesso em: 05 de abril de 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 2° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (orgs.) **Escritos de Educação**. 16. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (orgs.) **Escritos de Educação**. 16. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (orgs.) **Escritos de Educação**. 16. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

Centro de Memória da Amazônia. **Catálogo Nominal de Estatutos do Centro de Memória da Amazônia**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018. Disponível em: <https://www.cma.ufpa.br/estatutos.html>. Acesso em: 31 mar. 2025.

Dicionário de Nomes Próprios. **Significado do nome Raimundo**. Disponível em: <https://www.significadodosnomes.com/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65°. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo Derruído e Corrosão do Herói em Dalcídio Jurandir**. UNICAMP. Tese de doutorado. Campinas: São Paulo, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. **Chão dos lobos**. 2ª ed. Bragança, PA: Pará.grafo Editora, 2019.

LIMA, Thalita Santos. Trabalho infantil no Brasil: um olhar sobre a antítese do trabalho decente e sua relação com o trabalho escravo contemporâneo. In: Paulo Gustavo Gonet Branco; Manoel Jorge e Silva Neto; Helena Mercês Claret de Mota; Cristina Rasia Montenegro; Carlos Vinícius Alves Ribeiro. (Org.). **Direitos Fundamentais em Processo**. Brasília: ESMPU, 2020, p. 751-767.

MOISÉS, Massaud. **Dicionários de termos literários**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

OLIVEIRA, Edmon Neto de; SILVA, Bruno Nascimento. O trabalho como constituição de subjetividades no chão de Dalcídio Jurandir. In: FARIAS, Fernando. **Chão de Dalcídio: perspectivas**. Belém/PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2022, p. 347-374.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. A “Phenix Caixeiral” (1891-1979) e como desapareceram dois testemunhos importantes da história de Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 122, n. 1, p. 11-44, 2008. Disponível em: <https://www.institutodoceara.org.br/2008-2/>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SOUZA, Ana Paula Vieira e. **Trabalho infantil: uma análise do discurso de crianças e adolescentes da Amazônia paraense em condição de trabalho**. Belém, PA: Imprensa oficial do Estado, 2020.

TERRIBILI FILHO, Armando; NERY, Ana Clara Bortoletto. Ensino superior noturno no Brasil: história, atores e políticas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBPAE)**, v. 25, n. 1, p. 61-81, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/issue/view/1320>. Acesso em: 31 mar. 2025.

VELOSO, Ivone dos Santos. A infância nas interfaces de Dalcídio Jurandir: o jornalista e o romancista. **Muiraquitã: Revista de Letras e Artes**, Marabá, v. 1, n. 1, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/baraquita/article/view/1702>. Acesso em 05/08/2024.

VIERA, André Richard Durante; BRITO, Glauca da Silva. O retrato artístico da infância: da Idade Média à Modernidade. In: **XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**. Rio Grande do Sul, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2013.

WILLEMANN, Estela Martini. SOLIDÃO, DIVISÃO SUBJETIVA E CANSAÇO: : trajetórias de mulheres pobres no ensino superior. **Periferia, [S. l.]**, v. 16, n. 1, p. e76881, 2024. DOI: 10.12957/periferia.2024.76881. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/76881>. Acesso em: 10 fev. 2025.